

## NEUROPSICOEDUCADAGOGIA E INCLUSÃO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES DE NOVOS CAMINHOS

## NEUROPSICOEDUCADAGOGÍA E INCLUSIÓN: RETOS Y POSIBILIDADES DE NUEVOS CAMINOS

## NEUROPSYCHOEDUCADAGOGY AND INCLUSION: CHALLENGES AND POSSIBILITIES OF NEW PATHS

Paulo de Tarso Xavier Sousa Junior<sup>1</sup>  
Kátia Regina Lopes Costa Freire<sup>2</sup>

**Resumo:** A inclusão de alunos com deficiência constitui em direito garantido por dispositivos legais e em desafio para os profissionais da educação na busca de práticas inovadoras e bem sucedidas na promoção de aprendizagem de qualidade. Por meio de um estudo descritivo, desenvolvido a partir de experiência de estágio do curso de especialização em Neuropsicopedagogia Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), foi desenvolvido um plano de ação no intento de promover reflexões e atualização de conhecimentos acerca da inclusão a partir do viés da Neuropsicopedagogia. As práticas foram realizadas entre os meses de fevereiro a abril de 2022, na APAE<sup>3</sup> de Teresina/PI e encontram-se discutidas no presente artigo. Os resultados apontaram para a compreensão das novas perspectivas abordadas pela Neuropsicopedagogia, demonstrando a importância da área no embasamento dos processos inclusivos presentes na instituição.

**Palavras-chave:** Educação Especial. Educação Inclusiva. Formação profissional. Neuropsicopedagogia Institucional.

**Resumen:** La inclusión de estudiantes con discapacidad es un derecho garantizado por disposiciones legales y un desafío para los profesionales de la educación en la búsqueda de prácticas innovadoras y exitosas en la promoción de aprendizajes de calidad. A través de un estudio descriptivo, desarrollado a partir de la experiencia de pasantía del curso de especialización en Neuropsicopedagogía Institucional de la Universidad Federal de Rio Grande do Norte (UFRN), se elaboró un plan de acción con el fin de promover reflexiones y actualización de conocimientos sobre la inclusión desde la Neuropsicopedagogía parcialidad. Las prácticas fueron realizadas entre febrero y abril de 2022, en la APAE de Teresina/PI y son discutidas en este artículo. Los resultados apuntaron para la comprensión de las nuevas perspectivas abordadas por la Neuropsicopedagogía, demostrando la importancia del área en la fundamentación de los procesos inclusivos presentes en la institución.

**Palabras clave:** Educación especial. Educación inclusiva. Formación profesional. Neuropsicopedagogía Institucional.

**Abstract:** The inclusion of students with disabilities is a right guaranteed by legal provisions and a challenge for education professionals in the search for innovative and successful practices in promoting quality learning. Through a descriptive study, developed from the internship experience

<sup>1</sup> Neuropsicopedagogo institucional e Psicólogo. Fiocruz/Piauí. paulo\_juniordio@hotmail.com.

<sup>2</sup> Doutora em Educação, professora adjunta do Departamento de Educação da UFRN. Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES)/Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). katia.regina.freire@ufrn.br.

<sup>3</sup> As APAES ficaram conhecidas inicialmente como Associação de pais e amigos dos excepcionais, mas atualmente são reconhecidas apenas pela sigla APAE Brasil, uma vez que a denominação inicial faz referência a termo considerado pejorativo e preconceituoso nos dias atuais.

of the specialization course in Institutional Neuropsychopedagogy at the Federal University of Rio Grande do Norte (UFRN), an action plan was developed in order to promote reflections and update of knowledge about the inclusion from the Neuropsychopedagogy bias. The practices were carried out between February and April 2022, at APAE in Teresina/PI and are discussed in this article. The results pointed to the understanding of the new perspectives approached by Neuropsychopedagogy, demonstrating the importance of the area in the foundation of the inclusive processes present in the institution.

**Keywords:** Special education. Inclusive education. Professional qualification. Institutional Neuropsychopedagogy.

## Introdução

A área da Neuropsicopedagogia contribui para as discussões acerca do processo de inclusão dos alunos com deficiência, apontando possibilidades de intervenção e discussões teóricas embasadas na Psicologia cognitiva, teorias educacionais e nos conhecimentos neurocientíficos sobre o funcionamento do cérebro.

Além disso, apresenta importante contribuição na compreensão e intervenção voltada aos Transtornos e dificuldades de Aprendizagem, levando em consideração suas interações com fatores neurobiológicos e psicossociais que propiciam dificuldades específicas na aprendizagem.

Dessa maneira, a atuação do neuropsicopedagogo se pauta para além das possibilidades do processo de aprendizagem, observando a relação dos sujeitos com as demais nuances às quais estão implicadas suas vivências, como fatores socioemocionais, familiares e afins. Sua atuação pode ocorrer em instituições nas quais existam sujeitos em processo de aprendizagem, sendo abrangente a escolas, empresas, hospitais, organizações não governamentais, orfanatos, asilos, dentre outros espaços sociais. Com isso, este profissional busca propiciar estratégias de superação das dificuldades de aprendizagem, embasadas na capacidade de Neuroplasticidade do cérebro humano, ou seja, uma área frágil ou pouco estimulada ser compensada pela otimização de áreas fortes e estimuladas. Essas características favorecem os processos inclusivos, uma vez que este profissional auxilia na compreensão para além da deficiência, ofertando, rearranjos que auxiliam na qualidade e desempenho das pessoas desde a aprendizagem até mesmo o bem-estar social (TAVARES *et al.*, 2019).

As unidades de cuidado e atenção à saúde/educação também acolhem a presença deste profissional. Dessa forma, a relação dos processos cognitivos com o aprender deve ser promovido a sua participação em uma série de instituições. Sua prática pode se direcionar

justamente a esses espaços, buscando as melhorias para o serviço, refletindo, posteriormente, em seus usuários (TAVARES *et al.*, 2019).

No Brasil, dentre as instituições que disponibilizam serviços em prol da manutenção de conforto a vida de pessoas com deficiência, destaca-se os serviços da APAE, que iniciou suas atividades em 1954. Desde então, sua missão visa proporcionar atendimento de qualidade e referência a pessoas com deficiência. Seu trabalho, atualmente, apresenta o cunho inclusivo, pois, além de ofertar qualidade de vida aqueles que utilizam dos seus serviços, também apresenta o empoderamento dos sujeitos público-alvo da educação especial. (SALABERRY, 2008)..

Importante ressaltar que os dispositivos legais brasileiros compreendem a Educação Inclusiva a partir da oferta de educação de qualidade a todos, em condições equitativas e que possibilitem a ascensão aos diferentes níveis de ensino. A inclusão equivale, ainda, a mecanismo necessário ao combate de quaisquer tipos de segregação e/ou exclusão. Já a Educação Especial consiste em Modalidade Transversal de ensino que dá suporte e favorece o processo inclusivo, através dos Atendimentos Educacionais Especializados (AEE) promovidos pelas Salas de Recursos Multifuncionais (SRM) e Organizações não governamentais (ONG's), como a APAE.

Entretanto, historicamente, estas instituições surgiram com a intenção de suprir a carência de oportunidades educacionais voltadas às pessoas com deficiência, sendo por décadas, suas únicas possibilidades de aprendizagem e socialização, em um movimento que antecedeu o da Inclusão, denominado de “Integração”. Com o advento da Inclusão, estas instituições precisaram se adaptar à legislação e, atualmente, são um suporte à inclusão, funcionando no turno oposto ao da matrícula do aluno em escola regular, uma vez que é ilegal qualquer forma de segregação das pessoas com deficiência em instituições especializadas. Assim sendo, o decreto nº 6.571/08, dispõe sobre o atendimento educacional especializado, estabelecendo o suporte aos alunos com algum tipo de deficiência (BRASIL, 2008).

Constata-se que uma instituição com as características da APAE apresenta os condicionantes necessários para a atuação do neuropsicopedagogo institucional. O trabalho deste profissional, portanto, visa não apenas o acolhimento, mas o entendimento das etapas formativas de cuidado a essas pessoas com deficiência, provocando uma maior mobilidade entre as ações cognitivas, o aprendizado e a formação da personalidade e subjetividade humana.

O artigo em tela apresenta os resultados de práticas desenvolvidas durante a experiência de estágio no Curso de Pós-graduação em Neuropsicopedagogia Institucional e Educação Especial na perspectiva da Inclusão, ofertado pela UFRN e realizado nas dependências da APAE do município de Teresina/PI. O objetivo geral da prática foi promover reflexões e atualização de conhecimentos acerca da inclusão a partir do viés da Neuropsicopedagogia e dos diferentes papéis exercidos pelos atores envolvidos neste processo.

### **Neuropsicopedagogia Institucional: área e atuação**

A Neuropsicopedagogia se constitui em uma área que se debruça sobre a aprendizagem humana desempenhada por meio da ação cerebral, através dos processos cognitivos e psicossociais. Seu interesse abarca as realizações desempenhadas no cotidiano dos sujeitos. Além do mais, essa área promove a compreensão das formas de aprendizagem, apresentando subsídios ao desenvolvimento da educação aos indivíduos. (FERREIRA; SILVA, 2021).

O campo da Neuropsicopedagogia Institucional permite intervenções e modalidades diversas conforme as especificidades da instituição. No trabalho desenvolvido por Volobuff (2020), por exemplo, é possível conhecer um pouco da atuação desse profissional diante de casos de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), construindo iniciativas de suporte educacional diante desta dificuldade de aprendizagem.

Importante ressaltar que atuação do Neuropsicopedagogo não é restrita aos problemas de aprendizagem ou deficiência, se estendendo a otimização de maneira geral das funções cognitivas exigidas em situações de aprendizagem, como a memória, atenção, metacognição e percepção. Com isso, sua atuação torna-se infinitamente abrangente, uma vez que, segundo Vigotski (2020) a aprendizagem é a mola propulsora do desenvolvimento humano.

De toda forma, a depender da instituição foco das ações neuropsicopedagógicas, é necessário recordar a singularidade de cada demanda, ofertando, um olhar cuidadoso perante as ações interventivas propostas. O trabalho não é apenas individual, mas o foco abrange instituições, configurações familiares e, até mesmo, a territorialidade (ARRUDA *et al.*, 2020).

As ações neuropsicopedagógicas contribuem, inclusive, com informações importantes a serem utilizadas nos diagnósticos clínicos. Muitas vezes, é possível constatar

na análise institucional questões que podem passar despercebidas na clínica, sendo frequente a atuação desses profissionais em parcerias bem sucedidas. Na verdade, a atuação do neuropsicopedagogo institucional ou clínico deve estar apoiada por uma equipe multiprofissional que, na associação de saberes diferenciados, como fonoaudiologia, psicologia e psicopedagogia, irão contribuir com a elaboração das propostas de intervenção.

Oliveira e Santos (2020) discorrem sobre as potencialidades das ações do neuropsicopedagogo que podem ser destinadas a públicos diversos e prezam pelo estímulo e fortalecimento de funções cognitivas colocadas em jogo nos momentos da aprendizagem. A partir daí, seu embasamento contribui para empoderamento dos sujeitos, uma vez que se auxilia no desenvolvimento da autonomia, definição de atitudes e comportamentos perante situações e dilemas.

Com base em produzir ações, mediante seu compromisso ético, que superem barreiras, o neuropsicopedagogo possibilita e favorece o processo de inclusão. A gênese desse trabalho fortalece o conhecimento e a qualidade de vida de pessoas com deficiência. Seja em formato individual, grupal ou, até mesmo, a nível institucional, este especialista oferece o suporte para dirimir essas barreiras (BELO; GUEDES, 2022).

### **Pressupostos sobre inclusão para Vigotski**

Lev Semionovich Vigotski (2020), psicólogo cognitivista do início do século XX, devido às quebras de paradigmas e indiscutíveis contribuições que apresentou acerca dos processos de desenvolvimento e aprendizagem humanos, teve suas pesquisas ratificadas com a popularização dos exames de imagem e os avanços acerca do conhecimento do funcionamento do cérebro promovidos pelas Neurociências.

Desta forma, a área da Neuropsicopedagogia constitui-se pela associação dos conhecimentos da Psicologia Cognitiva, representada aqui pelos estudos de Vigotski, da educação e da Neurociência aplicada à educação.

Para a discussão aqui apresentada, escolheu-se abordar os estudos do autor acerca da deficiência, em sua obra “Fundamentos da Defectologia”. Na obra, Vigotski (2021) apresenta uma concepção de deficiência embasada nos entraves sociais que são atribuídos a pessoa com deficiência e não nas questões biológicas, tendência dos autores que se debruçaram sobre o tema na época. Adota, ainda, uma concepção de deficiência embasada na força que esta possibilita diante do processo de neuroplasticidade para superação das limitações impostas pela deficiência.

Desse modo, o foco estaria em observar os aspectos que compõem as vivências dos sujeitos, bem como a sua formação e construção biológica e psicossocial. Além disso, a compreensão sobre o meio, o impacto dos estímulos disponibilizados pelo meio em que a pessoa vive e a inserção cultural seriam outros mecanismos a serem observados. Só se tornaria possível compreender a deficiência de uma maneira singular (LIMA, 2014).

Seeger e Zucolotto (2018) apontam que Vigotski também desenvolveu pressupostos os quais propiciavam a inclusão e a concretização dessa perspectiva nos espaços escolares. A princípio ele contestou sobre a existência de diversas formas de exclusão que marginalizavam essas pessoas. Em seguida, destacou ser relevante provocar mudanças em diversos setores, de modo a abarcar essas diferenças e produzir potencialidades. No caso da escola, por exemplo, o autor pensou em uma reformulação geral, abarcando desde a postura do educador às metodologias adotadas.

Leite (2021) aborda a importância do contexto social para Vigotski diante das ações de inclusão. A depender de onde esse sujeito se encontra inserido, as ações que buscam essa inserção em espaços e a garantia dos seus direitos podem sofrer percalços ou um ponto de fortificação da mesma. Isso também pode favorecer como o indivíduo aprende, tornando-o protagonista no processo de ensino-aprendizagem. Dessa maneira, este fator se torna um condicionante para o crescimento e produção de habilidades sociais e relevantes para o cotidiano.

Mesmo diante das características biológicas em decorrência das singularidades que cada deficiência apresenta, os sujeitos vão associando conforme usos e costumes da sua cultura, refletindo diretamente em ações e comportamentos. Quando se pensa em inclusão se torna elementar para o entendimento que as pessoas com deficiência vão construindo sobre si mesmas, suas práticas e quais lacunas ainda existem em seu desenvolvimento. Por isso, este ponto é bastante importante diante do crescimento humano (SANTOS; SILVA, 2021).

Outro ponto de destaque em sua teoria diz respeito ao olhar a subjetividade das pessoas com deficiência. Historicamente, a exclusão social enfrentada por este público impossibilitou a construção de afetos, vínculos e, até mesmo, a sua expressão. Isso seria outra questão a ser combatida para que a inclusão pudesse apresentar o aspecto de autonomia e respeito as individualidades. A expressão de sentimentos, crenças e afins permite não apenas o exercício da escuta, mas um ouvir que valida o sujeito e propicia a produção de estratégias efetivas (RODRIGUES; LIMA, 2017).



Vigotski ainda fala sobre o papel do apoio e suporte para o desenvolvimento humano. Alguém sozinho teria mais dificuldades para desenvolver, ou de gerar novas habilidades. Em muitos casos, as pessoas com deficiência enfrentavam barreiras em sua formação a tornando desestimulada, prejudicada e/ou limitada. Existia, portanto, um subterfúgio de muitas instituições que classificavam a inclusão como uma tarefa árdua e, até mesmo, impossível. (RODRIGUES; LIMA, 2017).

### **Os grupos como alternativa para a construção de intervenções**

A modalidade de trabalho desenvolvida com um grupo de pessoas se tornou uma das práticas mais conhecidas dentro da academia e fora dela. Estudos comprovam que diante desta ação é possível a aplicabilidade de diversas intervenções, se direcionando de maneira coletiva. Além do mais, essa modalidade também pode ser aplicada a pesquisas, investigações e demais meios de obtenção de dados e por meio de trabalhos focais com base em uma determinada demanda (CARNIEL, 2008).

Quando se escolhe a perspectiva grupal, é preciso estar ciente de algumas concepções importantes para o direcionamento dessa atividade. Primeiramente, ao se debruçar sobre esta perspectiva, é preciso estar atento à diversidade do grupo de pessoas que participa dessa ação. Dessa maneira, se observa a integralidade dos participantes, ao captar a compreensão multifatorial sobre suas identidades e as demandas que surjam ao longo do caminho (MELO; MAIA FILHO; CHAVES, 2014).

Diante dessa observação, se faz necessário perceber o grupo como uma rede de fortificação de laços, onde diante das trocas faladas e dialogadas na intervenção possam existir diferenças e semelhanças. Ao longo disso, os discursos permitem a fala e a possibilidade de escuta. Daí, é primordial que o facilitador busque promover estratégias que acolham essas falas. Não é à toa o uso dessa modalidade em pesquisas, já que esses discursos possuem relevância (MELO; MAIA FILHO; CHAVES, 2014).

Trabalhar em grupos, como diz Ciampone e Peduzzi (2000), promove uma interação entre os pares, maiores entendimentos perante a temática apresentada e possibilita o contato com subjetividades. É nesse momento que se revela a grande preciosidade dessa iniciativa. Essa livre expressão é colhida e poderá ser reconhecida entre os demais, mesmo que, a princípio, ela não se apresente.

Diante dessas falas, além dos vínculos produzidos, a afetividade permite uma ação conjunta em prol das questões apresentadas na intervenção grupal, funcionando como um suporte mútuo. É por isso que essas ações apresentam inúmeras consequências não apenas no momento presente e muito menos direcionada a apenas um agente. Sua potência permite pensar para além daquele encontro, estabelecendo conexões e iniciativas que sejam relevantes de acordo com os participantes e o contexto em que esteja presente a aplicabilidade da iniciativa (VIERA-SILVA, 2019).

Os grupos apresentam uma característica tão versátil que a sua inserção pode ser utilizada em diversos contextos, como, por exemplo, nas práticas inclusivas. É o que relata Coelho (2013) em seu estudo, no qual se averiguou o uso de atividades grupais para pessoas com deficiência. Essas ações permitiam o desenvolvimento dos participantes em variados aspectos, como o desenvolvimento da sua autonomia. Para a autora, o seu uso também colabora com as políticas de inclusão, à medida que busca desenvolver espaços para a individualidade dos sujeitos e a confecção de contatos importantes para o desenvolvimento humano.

Silveira (2011) ainda conta sobre a diversidade de público-alvo direcionada a essa ação. Mesmo se tratando de corroborar com a inclusão, os grupos também podem ser realizados com pais e/ou responsáveis de pessoas com deficiência. O objetivo dessa ação pode variar conforme o planejamento da atividade proposta, mas uma alternativa possível e relatada pela autora diz respeito ao auxílio a esses cuidadores a atividades terapêuticas a serem desenvolvidas em outros âmbitos, proporcionando o desenvolvimento pessoal e a inclusão para além dos muros institucionais, de forma a contribuir para realizar modificações que favoreçam a participação do indivíduo na sociedade

## **Metodologia**

Este trabalho representa, portanto, um relato de experiência de ações dentro de um campo de estágio curricular. O trabalho ocorreu durante os meses de fevereiro a abril de 2022, nas dependências da unidade APAE-Teresina. A primeira etapa buscou realizar uma observação institucional, relacionando aspectos estruturais, o funcionamento e as demandas do serviço. Posteriormente a esta etapa foi elaborado um plano de intervenção, contendo objetivos e atividades a serem realizadas. As oficinas e rodas de conversa, construídas como estratégias de atuação nas experiências, foram desenvolvidas com carga horária de cinco



horas semanais. As atividades foram divididas ao longo de quatro semanas alternadas, perfazendo a carga horária de 20 horas de realização de estágio individual.

Participaram desta iniciativa professores e profissionais que atuam na instituição, alunos e pessoas que frequentam o serviço, bem como os pais e/ou responsáveis dos mesmos. A intervenção planejada para este trabalho foi composta por quatro momentos descritos a seguir:

**Primeiro Momento:** Tratou-se de uma roda de conversa intitulada “Por dentro do ser humano”, destinada aos professores, que tinha por objetivo promover um momento de sensibilização dos participantes, visando a uma aproximação com a temática. No primeiro momento, foi realizada a dinâmica “três coisas a qual sou bom”, onde cada participante deveria escrever em um papel sobre as habilidades/competências que acreditam possuir, sendo compartilhado posteriormente com a roda.

Seguindo a discussão, foram apresentados em slides trechos de artigos sobre as contribuições da Neurociência para os processos de ensino e aprendizagem e inclusão em sala de aula. Os professores foram dispostos sentados em círculo e questionamos sobre como eles percebiam os pontos apresentados (Quadro 1).

Quadro 1- Trechos de alguns pontos apresentados durante o primeiro momento da intervenção

- |   |
|---|
| <ul style="list-style-type: none"><li>- Sala de aula: para além dos conhecimentos;</li><li>- Formas distintas de aprendizagem;</li><li>- Metodologia individualizada;</li><li>- Inclusão.</li></ul> |
|---|

Fonte: Elaborado pelo autor.

Dando continuidade, foi questionada sobre as potencialidades e fragilidades da formação do professor para a promoção da inclusão educacional. Logo após, realizamos a “dinâmica do *emoji*”, que consiste em pedir aos participantes que relacionem uma emoção/sentimento a um contexto de trabalho, por meio de um desenho. Após as falas dos envolvidos, conforme a dinâmica, o encontro seguiu discutindo sobre os percalços institucionais e sociais de promoção da inclusão.

**Segundo Momento:** A oficina intitulada “Como meu trabalho fortalece a inclusão?” buscou discutir aos profissionais de saúde que compõe a instituição. Para isso, os sujeitos

permaneceram sentados em círculo, onde houve a realização da dinâmica “árvore institucional”.

Cada participante deveria escrever como o seu ofício fortalecia a solidificação da inclusão, fazendo uma alusão a planta. A partir de então, se discutiu sobre as dificuldades dos processos inclusivos, desenvolvimento individual das pessoas assistidas e informações sobre como a Neurociência contribui para a formação de estratégias de apoio a inclusão. Ao final, os participantes escreveram na árvore quais “frutos” gostariam de colher como mecanismos de fortalecimento não apenas do seu trabalho, como da inclusão dos estudantes/pessoas.

**Terceiro Momento:** Direcionada aos pais e/ou responsáveis dos estudantes/pessoas, a roda de conversa “Tudo o que você já sabe” teve como objetivo de discutir sobre os aspectos da inclusão em diversos níveis sociais, trazendo os conhecimentos da Neuropsicopedagogia como potencializadores prática inclusiva. Foram realizadas duas perguntas disparadoras para a condução da conversa.

A primeira consistia em dizer pensamentos e sensações quando se escutava a palavra inclusão, fixando posteriormente as ideias em um painel disposto na sala. Após as falas e reflexões propiciadas, o segundo momento contou com a disposição de três palavras escritas no painel: em casa, na instituição e na rua. Nessa parte da dinâmica, as falas, agora, deveriam estar associadas às dificuldades e/ou facilidades de promover a inclusão nesses três ambientes. Por fim, cada uma deveria anexar uma palavra em uma nuvem confeccionada, expressando um desejo em relação aos percalços relatados.

**Quarto Momento:** A oficina “Construindo a nós mesmos” foi destinada aos às pessoas assistidas pela instituição. Estando dispostos em círculo, foi apresentada, inicialmente, a imagem de um cérebro. A partir daí foi questionado a respeito do que era a representação e para que servia. Em seguida, cada participante recebeu a imagem sendo solicitada a pintura, recorte e colagem das partes, formando, assim, um capacete cerebral. Após a finalização os participantes discutiram sobre a relação do cérebro com suas ações, além de como o mesmo potencializa o seu cotidiano.

## **Resultados e Discussão**

A primeira intervenção foi realizada com os professores da instituição. Cerca de dez professores participaram, dialogando sobre os processos de ensino e aprendizagem. A

atividade consistiu em apresentar questões relacionadas à Neurociência às formas de aprendizagem e como essa área do conhecimento tem apresentado subsídios aos processos de inclusão. A roda possibilitou numa conversa livre, apesar do uso de aportes teóricos (por meio de uma projeção de slides), dúvidas, comentários e depoimentos sobre a prática profissional surgem livremente.

Durante a realização das dinâmicas “três coisas a nas quais ou bom”, os professores relataram serem bons de escuta, questionamentos e, até mesmo, em habilidades de cozinha e na manutenção das relações interpessoais. Isso deu início à discussão, colocando em pauta como as crenças de cada um auxiliam na construção pessoal e na subjetividade, sendo necessário acolher e entender como as mesmas podem afetar as pessoas com deficiência.

Como afirma Molon (2011), ao citar a teoria vigotskiana, diante da análise de uma problemática, a subjetividade é caracterizada como um ponto elementar. A mesma advém de uma série de condicionantes que propiciam as ações humanas. Entender então para além da biologia, da cultura, do meio em que o sujeito se encontra inserido, seus afetos e sua relação entre ele e o meio refletem em suas iniciativas, ou não. Assim, propiciar o contato dessas questões aos professores provocou se colocar no lugar das pessoas com deficiência, pensando a inclusão para além da sala de aula.

Os participantes se mostraram disponíveis para a discussão, relatando dificuldades de diálogo com a equipe dos profissionais de saúde. Essa falta de comunicação relatada surgiu na dinâmica do *emoji*, a qual os alunos apresentavam comportamentos disfuncionais e que atrapalhavam no andamento da aula, como dificuldade de concentração, prejudicando os momentos de aula e fazendo os professores repensarem sua metodologia. Essa iniciativa retoma as ideias discutidas ao longo do curso, se percebe o sujeito, as instituições e a sociedade como um grande sistema.

E é partir dele que se estabelece conexões, possibilidades e estratégias que refletem, neste caso, em ideias inclusivas. É neste ponto que Silva e Mendes (2021) relatam os benefícios obtidos por meio de um trabalho em conjunto quando se fala em inclusão. Dessa maneira, conectando todos os personagens envolvidos neste contexto, as práticas e adaptações nas instituições conseguem um maior alcance e coesão profissional para oferecer um atendimento de qualidade. Um exemplo de apoio a essa questão diz respeito à inserção do neuropsicopedagogo, Tavares *et al.* (2019) apontam a presença deste especialista para a construção e gerenciamento de iniciativas, perpassando os sujeitos e processos institucionais no que diz respeito à aprendizagem e à inclusão, por exemplo.

A segunda intervenção como foco dos profissionais da unidade da APAE, contando com um número de dezesseis participantes ao todo. Consistia, inicialmente, em relatar em como sua profissão solidificava o processo de inclusão, sendo representado por meio de uma folha que cada profissional inseriu em uma árvore. O debate seguiu acalorado e com divergências entre os participantes cada um relatava dificuldades distintas para a realização e realização das suas práticas. Muitos citaram a falta de apoio dos familiares dos estudantes assistidos pela APAE para o prosseguimento dos direcionamentos passados, entretanto, outros atribuíam à sociedade a falta de apoio necessário para que o usuário pudesse buscar desenvolver a sua autonomia. A partir de então, o grupo citou as dificuldades dos processos inclusivos e do desenvolvimento individual das pessoas com deficiência

Vigotski defende a necessidade desse apoio em conjunto para a solidificação da inclusão. Além das adaptações, a serem pensadas conforme cada caso, é preciso que haja um contato entre todos os agentes envolvidos, seja para a construção dessas alterações como para a formação que subsidie a implementação de outras práticas nos atendimentos disponibilizados (FREITAS, 2008).

O encontro possibilitou ricas trocas, apoio mútuo entre os profissionais e a percepção da necessidade de formação e educação continuada para o desenvolvimento de projetos em conjunto e ações interdisciplinares com as pessoas com deficiência assistidas pela APAE. Inclusive, este ponto foi sugerido como um dos frutos que desejavam colher a partir da dinâmica apresentada. Para isto, foi acordado entre o grupo a necessidade de diálogo com a gestão para a construção de momentos como esses, com trocas entre as demandas do serviço, capacitação e construção de parcerias com instituições e serviços.

Diante disso, o neuropsicopedagogo tem fundamental importância dentre as ações de fortalecimento da inclusão, principalmente no que diz respeito ao contato e intervenções com os profissionais. O seu olhar é direcionado para fornecer aparatos teóricos sobre as funcionalidades da aprendizagem conforme cada caso. Dessa maneira, pode promover um apoio para em intervenções e processos formativos (PINHEIRO; PINHEIRO; PINHEIRO, 2019).

O terceiro momento contou com cerca de onze participantes, sendo todas do gênero feminino. Esse dado nos permite compreender o perfil das pessoas que cuidam e são responsáveis por pessoas com deficiência. As participantes relataram que a inclusão seria essencial para a vida desses sujeitos; o que falta na sociedade; a realização dos seus direitos; uma necessidade para os dias atuais e um pilar importante, mas de pouca promoção no

cotidiano. É preciso deixar registrado que essas e outras respostas levaram um tempo para surgir, pois as participantes permaneceram um bom tempo em silêncio. Isso pode estar associado a falta de oportunidades de dialogar sobre a temática de maneira acolhedora e empática.

Sales (2017) aponta para a criação de um olhar para esses familiares. Mesmo participando do processo de autocuidado dos seus responsáveis, muitos podem carregar consigo angústias e demais sentimentos advindos de suas responsabilidades.

Após esse ponto inicial, as falas seguiram associadas às dificuldades e/ou facilidades do processo inclusivo nos três ambientes destacados: casa, instituição e rua. As participantes relataram os ganhos com relação a autonomia das pessoas assistidas pela APAE, descrevendo os benefícios das ações da instituição no dia a dia deles. Em relação à unidade, muitas descreveram a falta de outros profissionais e outras ações que poderiam ser implantadas para o acolhimento das demandas que surgiram, principalmente associados aos problemas decorrentes da pandemia da Covid-19. Já, pela rua, foi destacado o preconceito e os estigmas ainda presentes na sociedade, que delimitam e invisibilizam a plena participação social destes sujeitos.

Vygotski tem na interação a base para os processos de aprendizagem, e as relações sociais/culturais como constituintes dos processos mentais superiores. Quando não há a possibilidade de interação ou estas experiências são empobrecidas devido à deficiência, além do estigma embasado em um critério de normalidade, o desenvolvimento destes sujeitos é comprometido. Dessa forma, o espaço de inserção desses indivíduos funciona como um elemento que pode auxiliar ou dificultar seu próprio processo de protagonismo e crescimento (OLIVEIRA; GOMES, 2020).

As reflexões seguiram apresentando as possibilidades que a Neuropsicopedagogia e suas áreas de concepção poderiam auxiliar na construção da materialização desses anseios. Por fim, em uma analogia às nuvens, presentes em diversos espaços do mundo, as palavras escolhidas foram: amor, empatia, compreensão, apoio, inclusão, respeito, dignidade e suporte. Após o final do encontro, as participantes relataram da importância de escutar a fala das demais como mecanismo de suporte mútuo diante da carga enfrentada perante o cuidado a pessoas com deficiência.

Os grupos evidenciam a produção da escuta onde, conforme Viera-Silva (2019), descrevem a importância desse mecanismo nas atividades direcionadas a um público.

Quando se permite espaços a qual essa escuta seja acolhida, se produz não apenas bem-estar, mas propicia a idealização de iniciativas e, até mesmo, a mobilização entre os participantes.

A última atividade foi dirigida às pessoas com deficiência assistidas pela APAE. Cerca de dez participantes estiveram presentes na finalização desta experiência e foram indagados sobre o que representaria a figura mostrada pelo facilitador. As respostas foram de se tratar de um cérebro, que este se localiza dentro da cabeça, acrescentadas pelo facilitador de que este é importante para tudo o que fazemos, desde alimentação a comportamentos variados. Após essas concepções, foi relatada a importância do cérebro para as nossas ações e como diversas áreas do conhecimento estudam o órgão. Em seguida, se iniciou a pintura, corte e colagem da figura, resultando em um capacete cerebral. Durante essas ações algumas partes do cérebro foram destacadas e apresentadas sua funcionalidade. Além disso, os participantes conheceram um pouco da Neurociência e da ação de plasticidade cerebral, importante para a aquisição de novas habilidades para a ação humana.

Essa ação reflete a necessidade de potencializar a produção de novas habilidades como mecanismo de protagonismo e de expressão da subjetividade. Ademais, proporcionar que esse sujeito esteja a frente desse fazer, construindo significados, falando e sendo escutado, produzindo, assim, a retomada da sua história a si mesmo, construindo novos elementos que podem auxiliar em seu bem-estar (RODRIGUES; LIMA, 2017).

As ações desenvolvidas propiciaram identificar a necessidade de um trabalho multidisciplinar, que, a partir do respeito e expressão da subjetividade das pessoas atendidas pela APAE e dos familiares e profissionais envolvidos, reverberará na qualidade dos serviços educacionais prestados. A escolha pela Neuropsicopedagogia institucional no processo inclusivo mostrou-se acertada e permitiu delinear os caminhos traçados ao longo das práticas desenvolvidas na APAE.

Esta experiência se constitui apenas como um ponto de partida de uma longa e desafiadora jornada em prol de um processo inclusivo que considere as subjetividades dos sujeitos envolvidos e contribuições que extrapolem os muros da instituição. Os resultados positivos apontam que é possível; as fragilidades encontradas, nos levam a reformulações das ações para passos futuros.

### **Considerações finais**



O trabalho evidenciou a contribuição da área da Neuropsicopedagogia dentro dos processos de inclusão, ouvindo as pessoas que compõe a APAE e favorecendo reflexões e debates sobre as potencialidades e percalços a serem enfrentados. As quatro intervenções realizadas com professores, profissionais, familiares e pessoas assistidas pela APAE se configuraram como momentos de troca que incentivaram a constatação da necessidade de ações que possam superar os desafios enfrentados na instituição. As atividades, rodas de conversa e dinâmicas buscaram incentivar os participantes a pensar para além da inclusão, percebendo também o seu papel enquanto agente de transformação social.

Concluimos que as ações atingiram aos objetivos de valorizar as subjetividades favorecer a escuta, trocas, discussões e reflexões, mas, acima de tudo, favorecer o desenvolvimento das potencialidades. O conhecimento acerca da neuropsicopedagogia favoreceu aos profissionais repensar as ações desenvolvidas na instituição e os desafios que precisam ser enfrentados para a concretização de uma sociedade verdadeiramente inclusiva.

Urge o desenvolvimento de mais ações de formação continuada voltada aos profissionais que lidam com processos inclusivos, sobretudo de pessoas com deficiências tidas como “incapacitantes”, como a deficiência múltipla e a intelectual com perda cognitiva severa. Possibilitar a esses profissionais embasar suas práticas educacionais em uma área que parte do pressuposto de que todo sujeito possui potencial para aprendizagem não apenas favorece resultados positivos, como se torna um fator a mais de motivação para seguir no difícil caminho.

Esta experiência foi apenas o início de uma caminhada de atuação profissional na área e de estudos que serão aprofundados e irão fundamentar novas ações. O processo de inclusão escolar de pessoas com deficiências requer constante reflexão e atualização de conhecimento e a área das Neurociências aplicadas à Educação tem muito a contribuir.

Apesar de toda a garantia legal acerca dos direitos das pessoas com deficiência, o caminho da inclusão é consideravelmente recente e muito ainda tem a ser desbravado. Uma trajetória tortuosa de exclusão e negligência nos trouxe até aqui, mas as possibilidades que se descortinam através de novas áreas aliadas a teorias consolidadas, apontam para novos caminhos que nos conduzirão a uma sociedade verdadeiramente inclusiva.

## **Referências**

ARRUDA, R. A. et al. Atividades e intervenções neuropsicopedagógicas: estudo de caso de criança com autismo. In: **Anais – IV Congresso Internacional de Educação Inclusiva – CINTED**, 2020.

BELO, R. C. F.; GUEDES, I. C. Neuropsicopedagogo: Como este profissional pode auxiliar nos processos de aprendizagem. **Revista Acadêmica Faculdade Progresso**, v. 7, n. 2, 2022.

BRASIL. Presidência Da República. Casa Civil. Subchefia Para Assuntos Jurídicos. **Decreto Nº 6.571**, de 17 de setembro de 2008. Brasília: DF, 2008.

CARNIEL, I. C. Possíveis intervenções e avaliações em grupos operativos. **Rev.SPAGESP, Ribeirão Preto**, v. 9, n. 2, p. 33-38, dez. 2008.

CASTILHO, J. A. C.; PALHETA, C. S. S.; SARPEDONTI, V. Desenvolvimento de competências docentes no atendimento educacional especializado: experiências formativas na APAE de Belém/PA. **Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial**, v. 6, n. 1, p. 81-98, 2019.

CASTRO, F. S. L.; SILVA, S. V. A atuação do neupsicopedagogo no empoderamento da aprendizagem. **Revista Mythos**, v. 12, n. 2, p. 102-114, 2019.

CIAMPONE, M. H. T.; PEDUZZI, M. Trabalho em equipe e trabalho em grupo no Programa de Saúde da Família. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 53, p. 143-147, 2000.

COELHO, C. L. M. Cenas da inclusão: modelos e intervenções em experiências portuguesa e brasileira. **Rev. Bras. Estud. Pedag.**, Brasília, v. 94, n. 236, p. 125-149, Apr. 2013.

FERREIRA, S.; SILVA, F. J. A. O Trabalho Do Neuropsicopedagogo: atuação, ética e importância demonstradas através de um relato de experiência. **Scientia Generalis**, v. 2, n. 2, p. 14-22, 2021.

FREITAS, N. K. Inclusão socioeducativa na escola: avaliação do processo e dos alunos. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 16, p. 323-336, 2008.

LEITE, M. M. F. A contribuição de Vygotsky na educação especial: desenvolvimento e aprendizagem. **Kiri-Kerê-Pesquisa em Ensino**, n. 11, 2021.

LIMA, M. S. C. B. M. Vygotsky e a Teoria histórico-cultural: análise da inclusão escolar de deficientes intelectuais. **Revista LABOR, Fortaleza**, v. 1, n. 12, p. 59-77, 2014.

MELO, A. S. E.; MAIA FILHO, O. N.; CHAVES, H. V. Conceitos básicos em intervenção grupal. **Encontro: Revista de Psicologia**, v. 17, n. 26, p. 47-63, 2014.

MOLON, S. I. Notas sobre constituição do sujeito, subjetividade e linguagem. **Psicologia em estudo**, v. 16, p. 613-622, 2011.

OLIVEIRA, F. Â.; GOMES, A. L. L. Escolarização de alunos com deficiência no Brasil: uma análise sob a perspectiva dos estudos de Lev Vygotsky: un análisis bajo la perspectiva de los estudios Lev Vygotsky. **Kiri-Kerê-Pesquisa em Ensino**, v. 1, n. 9, 2020.

OLIVEIRA, S.; SANTOS, A. A. Contribuições da Neuropsicopedagogia no processo de envelhecimento: prevenção do declínio cognitivo e melhoria de qualidade de vida. **Itinerarius Reflectionis**, v. 16, n. 2, p. 01-11, 2020.

PINHEIRO, V. O.; PINHEIRO, M. O.; PINHEIRO, A. R. O. A neuropsicopedagogia e a educação escolar na perspectiva da educação inclusiva: elos e paralelos. In: PINHEIRO, M. O. **O diálogo entre a psicopedagogia e os desafios da aprendizagem: identidades, caminhos e abrangências** [recurso eletrônico] / Moisaniel Oliveira Pinheiro (Org.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019.

RODRIGUES, A. P. N.; LIMA, C. A. A história da pessoa com deficiência e da educação especial em tempos de inclusão. **Revista de Educação**. Pernambuco, v. 3, n. 5, 2017.

SALABERRY, N. T. M. **A APAE educadora**: na prática de uma unidade da APAE de Porto Alegre. 2008. 132f. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

SALES, F. A influência familiar no desenvolvimento das pessoas com deficiência. **Revista Eletrônica de Ciências da Educação**, v. 16, n. 1 e 2, 2017.

SANTOS, R. A.; SILVA, F. P. As contribuições da neuropsicopedagogia na arte de aprender e de ensinar com ênfase em dislexia. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 11, p. e69101119445-e69101119445, 2021.

SEEGER, M. G.; ZUCOLOTTI, M. P. R. Inclusão educacional: a abordagem histórico-cultural de Vygotsky. **Disciplinarum Scientia| Ciências Humanas**, v. 19, n. 1, p. 139-148, 2018.

SILVA, M. J. F.; CARDOSO, F. B. A identificação precoce de uma possível deficiência intelectual através de uma perspectiva neuropsicopedagógica. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 6, p. 37767-37774, 2020.

SILVA, M. A. B.; MENDES, E. G. A atuação de uma equipe multiprofissional no apoio à inclusão escolar. **Revincluso - Revista Inclusão & Sociedade**, v. 1, n. 1, p. 33-56, 20 dez. 2021.

SILVEIRA, F. F. Intervenções com pais: da alteração das práticas educativas parentais à inclusão de variáveis de contexto. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 16, p. 279-284, 2011.

SIMÃO, G. F.; CORRÊA, T. H. B.; FERRANDINI, L. M. Contribuições da Neuropsicopedagogia no Contexto Educacional: um novo olhar para a instituição escolar. **Educere et Educare**, v. 15, n. 36, 2020.

TAVARES, D. S. et al. Inclusão Escolar, Dificuldades E Transtornos De Aprendizagem Na Prática Neuropsicopedagógica Institucional. In: **Anais**. VII Congresso Nacional de Educação – CONEDU, 2019.

VIEIRA-SILVA, M.. A potência do processo grupal. **Psicol. rev.** (Belo Horizonte), Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 671-688, ago. 2019.

VOLOBUFF, R. F. Potencialização da aprendizagem do aluno com TDAH segundo enfoque neuropsicopedagógico aplicados à sala de aula. **Revista Artigos. Com**, v. 15, p. e3406-e3406, 2020.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do Pensamento e da linguagem** – texto integral, traduzido do russo Pensamento e linguagem. Tradução: Paulo Bezerra. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Martins Fontes, 2020.

VIGOTSKI, L. S. **Problemas de Defectologia**. Organização e tradução: PRESTES, Zoia; TUNES, Elizabeth. Expressão Popular: São Paulo, 2021.

*Submetido em:02/09/2022*

*Aceito em:13/11/2022*